

O cinema argentino no conflituoso debate sobre a construção de memórias da Guerra das Malvinas: de chicos a iluminados

MAURINEIDE ALVES DA SILVA*

Dentre os filmes de ficção sobre Malvinas, *Los chicos de la guerra* (1984) de Bebe Kamín e *Iluminados por el Fuego* (2005) de Tristán Bauer, serão objetos de minha análise sobre a construção de memórias sobre a guerra no cinema argentino e a participação do cinema no intenso debate sobre as representações produzidas no pós-guerra, pelos diferentes grupos. A definição das duas obras foi em função de serem consideradas os marcos nas representações cinematográficas da guerra, promovendo reflexões e discursões a respeito de temas considerados polêmicos.

1. Los chicos de la guerra: as obras e seus realizadores

No dia 2 de agosto de 1984 estreou na Argentina o primeiro longa-metragem de ficção sobre a Guerra das Malvinas: *Los chicos de La guerra* (1984). A produção teve como roteiristas o diretor Bebe Kamín e o jornalista Daniel Kon e foi baseada na obra do segundo, com o mesmo nome, no qual o jornalista apresenta entrevistas com jovens ex-combatentes recém-chegados da guerra.

O sucesso da obra, cuja primeira edição esgotou em poucos dias, e o impacto causado em setores da sociedade argentina levou o cineasta Bebe Kamin a procurar Daniel Kon para propor a adaptação de sua obra para o cinema. Em parceria com o jornalista, Kamin produziu o roteiro daquele que viria a ser o primeiro filme de ficção sobre a guerra, *Los chicos de la guerra* (1984).

* Universidade Estadual de Goiás
Doutora em História Cultural pela UnB

A adaptação para o cinema do livro *Los chicos de la guerra* (1982), foca na história de três dos depoentes de Kon: Fábian, Santiago e Pablo, esse último na obra é apresentado com a letra T. e tem sua experiência explicada por Kon, já que suas condições psíquicas o impediam de dar seu depoimento. Kamin recorre ao recurso dos flashbacks para contar a história dos três garotos desde a infância, passando pela adolescência e juventude antes da guerra.

Tais informações não são apresentadas no livro, que foca unicamente na experiência nas Malvinas, mas para o cineasta são fundamentais para direcionar o olhar do espectador para o tema principal do filme: como a Ditadura marcou a vida desses jovens, da infância à guerra pelas Malvinas. Na primeira cena conhecemos Fábian, escondido dentro de uma das trincheiras, encolhido e assustado, sai de mãos para cima rendendo-se às tropas inglesas que já haviam tomado a região. Fábian olha em sua volta e vê o cenário de derrota, morte e sofrimento. Na cena seguinte, nos é apresentado o jovem ainda garoto, no ano de 1968. A partir de então, sua história, assim como dos outros dois outros jovens, é contada intercalando cenas do presente, quando já estavam rendidos pela tropa britânica, e cenas do seu crescimento dentro de um cenário marcado pela repressão e os abusos por parte de um regime ditatorial.

A primeira impressão passada para o espectador é que os jovens faziam parte de classes sociais diferentes, Pablo fazia parte de uma família rica e influente, Fábian da classe média e Santiago era um jovem pobre e que sobrevivia do seu trabalho em um café de Buenos Aires. Posteriormente, Kamin vai nos apresentando a experiência vivida por esses jovens dentro de um Estado repressor: na infância o controle e a disciplina através do sistema educativo, característicos das ditaduras; na adolescência, Fábian e seus colegas de escola presenciam a polícia tentando abater a tiros dois jovens que distribuía panfletos na rua, em uma clara sugestão que se tratavam de opositores do regime. Em outra cena, agora adultos, Fábian e seu amigo Ruiz são abordados pela polícia na rua, que age de forma violenta. Nesse instante, um carro passa do lado da cena e um senhor conversa com os policiais que o tratam de forma respeitosa. Trata-se de Augusto, pai de Pablo, que se mostra à vontade com a situação, enquanto o filho se recente com o tratamento dado pelos policiais aos jovens. Para Salvatori o filme apresenta como os jovens eram vistos naquele momento: sempre suspeitos, sempre perigosos “mais ainda, durante a ditadura o discurso que imperava era que todo jovem podia ser potencialmente um ‘delinquente subversivo’” (SALVATORI, 2007, on-line).

A euforia patriótica da sociedade argentina é abordada por Kamin em cenas como a da escola de Fábian, quando as crianças entediadas são obrigadas a ouvir discursos e hinos em louvor a pátria e quando a professora fala sobre o valor da pátria e da bandeira. Porém, a cena mais simbólica desse tema é a euforia do patrão de Santiago, ao saber de sua convocação para guerra. Tal reação do dono do café diante da notícia da tomada das Malvinas representa a reação da própria sociedade argentina, que foi a Plaza de Mayo para mostrar seu apoio ao empreendimento, que se mostrou unida na mídia e nos shows de arrecadação de doações para serem investidos na ‘reconquista’ e que carregou bandeiras pelas ruas, comemorando a tomada das Malvinas, cena, aliás, presenciada por Fábian e Ruiz enquanto conversam com as namoradas sobre a possibilidade da convocação. A convocação, recebida com entusiasmo pelo patrão de Santiago, é ressentida pelos pais de Fabían e desejada pelo pai de Pablo que chega a ligar para o comando do Exército para pedir que o filho seja enviado á Malvinas, “Meu filho é um soldado da pátria e deve defender as Ilhas Malvinas. [...] Faz 150 anos que estamos esperando este momento e dou graças a Deus que meu filho seja um dos elegidos para defender a pátria com suas armas”.

Nas Malvinas, os jovens de classes diferentes começam a conviver como iguais, no enfrentamento das dificuldades da vida no front e dos abusos cometidos por oficiais, como o estaqueamento, apresentado na cena em que Santiago revoltado com a punição sofrida por um jovem soldado o desamarra e é repreendido por seus superiores, tendo justificado corajosamente suas razões para não entender tal tratamento, já que os inimigos são os ingleses “Se é certo, nos estão matando de fome, nos tratam pior que aos inimigos [...] Aqui somos todos iguais, creio que não vieram aqui para cagarem em nós”. A coragem de Santiago contrasta com as cenas dos jovens após a rendição para os britânicos, nas quais estes são representados assustados e humilhados ao serem obrigados a abrirem valas para enterrarem seus companheiros, enquanto houve-se um comunicado inglês avisando que Malvinas está de volta ao governo desejado por seus habitantes.

Recorrendo a licença poética do cinema, Kamin vai além dos relatos da obra de Kon e apresenta diferentes destinos para os três jovens: Fábian se mostra traumatizado, mas se reintegra a sociedade e a sua vida normal com a ajuda da namorada; Pablo enlouquece e a possibilidade do suicídio é sugerida; Santiago volta para o café para retomar seu trabalho, mas recebe a notícia do patrão, antes entusiasta de sua convocação e agora indiferente, que já

havia outro em seu lugar. Santiago, desempregado, se torna um desajustado social e é preso no desfecho da trama. Essa postura do dono do café, sugere a postura da sociedade argentina que no momento da tomada das Ilhas se mostrou eufórica e na derrota indiferente para com os jovens que voltam da guerra, excluindo-os, como uma forma de esquecimento de sua própria responsabilidade em um empreendimento reformulado, naquele momento como um ato de extrema irresponsabilidade do governo do regime militar. Há também o desfecho do soldado Ruiz, amigo de Fábian, que morre nas Malvinas.

Na produção cinematográfica *Los chicos de la guerra* (1984), Malvinas aparece como um empreendimento dos militares - cuja a imagem está marcada neste momento, por um governo de uma Estado Ditatorial e repressor – com o apoio popular, que demonstra um patriotismo insano como no exemplo do pai de Pablo que pede que o filho seja levado às Malvinas. Os conscritos foram levados a essa “aventura” militar sem armas adequadas, passam fome, frio e são tratados com violência pelos oficiais. Voltam derrotados e abatidos. Os principais temas identificados no relato fílmico, portanto são: a infância e a juventude dos soldados, marcadas pela repressão de um governo ditatorial; o patriótico apoio popular a tomada das ilhas; a presença de diferentes classes sociais no front de guerra; a união e o companheirismo dos jovens como motivadora de suas resistências; a fome e os abusos de oficiais; o trauma e a exclusão social pós-guerra que leva veteranos ao desajuste social, ao suicídio ou, ao contrário, a reintegração com o apoio familiar e principalmente a ideia de que o principal inimigo desses jovens não foram exatamente as tropas inglesas, mas o regime de governo de uma Junta Militar que os enviou às Malvinas, sem nenhuma condição para a grandiosidade do evento que isso desencadearia. Os enviou, portanto para a morte, morte por fome, por frio, por ataques ingleses.

Os soldados conscritos são os principais personagens da trama, tendo as suas juventudes interrompidas por Malvinas, retornam para outra batalha, agora nas ruas, em busca de reconhecimento e conquistas políticas. Kamin não enfoca a questão da posse das Malvinas. Se as Malvinas são dos argentinos ou dos ingleses, não é um questionamento a ser abordado em seu relato fílmico. O que parece interessar ao realizador nessa abordagem é deixar claro os motivos pelos quais esta guerra não deveria ter ocorrido, o que motivou e tem motivado críticas de alguns setores da sociedade, entre eles, grupos de veteranos, que acusam Kamin de “desmalvinizar” o tema, ao “deslegitimar” em sua abordagem, a luta por Malvinas. Outro

aspecto que gerou polêmica após a estreia, foi a imagem do soldado como vítima dos militares por terem empreendido a guerra e por terem cometido abusos de poder no front. Criticado por alguns, visto como “realista” por outros, tal imagem, construída no filme, tornou-se motivadora de uma das principais discussões a respeito da melhor forma de construir a memória sobre a Guerra das Malvinas.

A construção da imagem do jovem combatente como vítima no filme *Los chicos de la guerra* (1984) pode ser compreendida ao analisarmos o contexto histórico em que a obra foi produzida. Tal imagem foi o reflexo do momento político e social pelo qual passava a sociedade argentina, marcada pela indignação com a repressão e a crise econômica que marcou o governo da Junta Militar, indignação intensificada pela derrota nas Malvinas. Diante desse período de transição do sistema ditatorial para a democracia elegeu-se como símbolo a juventude argentina que foi massacrada nos porões da ditadura e agora no front de guerra nas Malvinas. Para Salvatori, “o clima e os discursos circulantes durante os primeiros passos da democracia, apelavam a uma sociedade vítima do poder ditatorial: o povo argentino havia sido conduzido a uma guerra sob a responsabilidade das Forças Armadas” (SALVATORI, 2007, on-line) e os jovens, tanto no continente, quanto nas Malvinas, foram o símbolo dos abusos cometidos pelo sistema “Os jovens haviam ido a Malvinas sem preparação, não haviam tido o equipamento apropriado, sofreram fome e frio, foram maltratados e quem os deixaram morrer foram os mesmos militares que haviam torturado e desaparecido com milhares de ‘jovens inocentes’” (SALVATORI, 2007, on-line).

A autora critica o filme por não ter problematizado a relação militares e sociedade argentina no empreendimento da guerra, mas ressalta a coragem de Kamin de questionar o nacionalismo argentino “poucos são os filmes que se animam a problematizar a questão do nacionalismo e os discursos patrióticos que até hoje seguem elaborando sobre o tema” sendo que “Quase nenhum se pergunta como compreender e contextualizar Malvinas politicamente”, e ressalta que “Advertir o sofrimento e suas sequelas que perduram nos ex-combatentes é significativo para poder preservar ao outro, para conseguir interpretar essa dor”, sendo que a principal contribuição desse debate está em entender a atual sociedade em que vivem: “Porém, também, perguntamos e reperguntamos porque Malvinas nos ajudaria a refletir mais profundamente sobre a sociedade que vivemos” (SALVATORI, 2007, on-line).

2. Iluminados por el fuego: confissões de um soldado da Guerra das Malvinas

No dia 8 de setembro de 2005 estreou na Argentina o filme *Iluminados por el fuego* (2005) do diretor Tristan Bauer, baseado na obra *Iluminados por el fuego: confesiones de un soldado que combatió en Malvinas* (1993), do ex-combatente Edgardo Esteban com a colaboração do escritor Gustavo Romero Borri

O filme *Iluminados por el fuego* (2005) começa mostrando uma cobertura do jornalista Esteban para uma emissora de tv, quando este é avisado que Alberto Vargas está hospitalizado em estado grave devido a uma tentativa de suicídio. Ao ver Vargas, a memória de Esteban o leva de volta às Malvinas de 1982, quando os dois participaram juntos da guerra. O apoio popular a tomada das Malvinas é apresentado em imagens documentais da multidão na Plaza de Mayo balançando bandeiras argentinas e vibrando, enquanto da Casa Rosada, Galtieri discursava “Que o mundo todo fique sabendo de um país determinado como o povo argentino.... se eles quiserem vir, que venham, mas nós lutaremos”. A cena é seguida da análise de Esteban sobre o episódio “Poucos argentinos duvidam hoje que foi uma tragédia militar e um grande retrocesso político para as chances do país de recuperar as ilhas usurpadas pela Inglaterra há mais de 150 anos. E a primeira ministra britânica aproveitou a chance de aumentar sua força política”. Enquanto narra, o personagem assiste vídeos da guerra, intercalados com as imagens de Galtieri e de Margaret Thatcher.

Depois de ouvir a esposa de Vargas, que relata a sua trajetória pós-guerra - ao se render ao alcoolismo, a depressão, chegando a prática da violência doméstica - o jornalista lembra da traumática experiência do amigo na guerra, o que o levou a tal desfecho trágico. Em meio ao frio intenso, a lama e a fome, Esteban, Vargas e o amigo de trincheira Juan Chamorro matam uma ovelha e ao serem descobertos, Vargas é punido com o estaqueamento. Apesar do castigo, que deixou Vargas doente, este foi enviando ao campo de batalha sem nenhuma condição para participar do conflito.

A história dos três jovens é o fio condutor da trama. Massacrados pelo clima das ilhas, a fome e a violência dos superiores, eles tentaram resistir através do companheirismo. A coragem dos soldados é ressaltada em cenas como a que Esteban enfrenta seu superior ao ser recusar levar seu rádio no momento em que recuam do ataque inglês. O

ápice da narrativa fílmica são as cenas do combate final, quando em uma escuridão absoluta, os soldados só enxergam o brilho dos projéteis ingleses que arrasam as tropas argentinas. Em poucos minutos, um mar de corpos e de feridos no front, alguns mutilados, comovem o personagem principal, sentimento que piora quando já rendido pelos ingleses, Esteban chega em Puerto Argentino e vê um quadro de horror nas enfermarias.

Foi neste cenário desolador de Puerto Argentino que acontece uma das cenas mais emblemáticas da narrativa, quando os soldados argentinos, abatidos pela derrota, naturalmente se reúnem e iniciam uma partida de futebol. A cena nos sugere que se tratam de jovens civis de 18 anos e que estão agindo de acordo com a idade, apesar do horror da guerra que acabaram de experimentar. Ao serem informados por alto-falantes da cidade da rendição, o comandante argentino fala a seus subordinados “Vocês tentaram como verdadeiros soldados e serão lembrados por todos os argentinos como heróis. [...] O que viveram aqui, irão acompanhá-los para sempre”. O trecho “irão acompanhá-los para sempre” se confirma nos personagens de Esteban e Vargas, um que reintegra a sociedade, mas carrega consigo a necessidade de entender essa experiência, e outro que morre no hospital vítima do suicídio, um resultado dos traumas vividos na guerra.

Em seguida são apresentadas na narrativa fílmica cenas documentais da rendição, enquanto o personagem Esteban narra “Apesar de nossos esforços, da coragem de alguns e da bravura de nossos pilotos que se jogaram sobre a frota inglesa, a improvisação, o sadismo e a traição daqueles que torturaram seu próprio povo, nos levaram a derrota. Mais uma vez, eles (os ingleses) se apoderaram de nossas ilhas e comemoraram sobre nosso sangue [...]. Fomos escondidos nos quartéis por nossos próprios líderes que nos impuseram um pacto de silêncio. Porque não falar sobre Malvinas? Para quem somos heróis? Quem celebra o nosso regresso, a nossa volta a vida? Ao chegar em casa eu esperava ver bandeiras, o povo nos recebendo entres abraços e lágrimas. ” No discurso, o personagem ressalta um aspecto não muito recorrente nas imagens do filme, a coragem e a bravura de soldados e militares que, apesar da falta de recursos, empreenderam uma surpreendente força ao reagir a investida inglesa, mas destaca a falta de recursos para o conflito e os abusos cometidos por superiores como as principais causas da derrota. O personagem Esteban conclui sua narração, destacando que no retorno para casa foram retidos nos quartéis e no que ele considera mais um ato de autoritarismo, repreendidos para que não falassem de suas experiências. Em seus

questionamentos, ele lamenta o que viria a ser o futuro dos ex-combatentes, esquecidos pela sociedade, sem reconhecimento pela dura experiência de guerra, eles retornam ao continente para uma nova batalha.

Em uma nova fase da trama, após a morte de Vargas, Esteban atende sua necessidade de enfrentar o passado, voltando para o cenário da guerra nas Malvinas. Ao chegar no hotel, olha pela janela e vê uma placa onde está escrito “Argentinos são bem-vindos, ao pararem de alegar soberania e aceitarem nosso direito de autodeterminação”. A imagem da placa é acompanhada pelo olhar de desolação do personagem. Posteriormente, acompanhamos sua visita ao campo de guerra, onde ainda se encontra destroços de aviões, canhões e trincheiras, sendo que ao encontrar a sua, com todos os objetos que haviam deixado, chora compulsivamente. No cemitério de Darwin visita o túmulo de Juan, que morreu no front. No livro de Edgardo Esteban sua visita foi ao túmulo de Vallejos, soldado que o rendeu e morreu na guarda de seu grupo. Após essa cena final, antes da passagem dos créditos, é apresentada a mensagem “Este filme está dedicado a todos os soldados conscritos que combateram nas Malvinas. Aos mortos do Belgrano, aos que lutaram com dignidade” e para finalizar “As Malvinas são argentinas”.

Em *Iluminados por el fuego* (2005) a Guerra das Malvinas aparece como um empreendimento irresponsável da ditadura militar e com o apoio popular, porém essa posição não inviabiliza as reivindicações pelas ilhas que são ressaltados na fala do personagem Esteban e na frase final da obra “As Malvinas são argentinas”. Apesar desse olhar, o foco da narrativa está no soldado conscrito, que é destacado nas falas como herói e nas imagens, também como vítima, vítima do governo da ditadura que os enviou a uma guerra sem as condições necessárias, vítima do frio, da fome, do autoritarismo e da violência de oficiais. Ele é uma vítima quando morto, no caso do personagem Juan, mas continua sendo vítima quando sobrevivente, ao carregar os traumas da guerra e da exclusão social consigo, recorrendo ao suicídio como Vargas. E mesmo no caso de Esteban, o personagem principal, o retorno às Malvinas era uma necessidade de enfrentar um passado que, por ser tão traumático, havia tentado relegar ao esquecimento.

Um dos pontos altos da narrativa cinematográfica de Bauer é a trilha sonora. As quatro canções interpretadas por León Gieco¹, duas compostas para o filme, tem letras que acompanham as mensagens transmitidas pela narrativa. A música que acompanha Esteban no retorno às Malvinas é *Horal* de Jaime Sabines e Luis Gurevich, cuja letra fala da emoção sentida pelo personagem com essa experiência “O mar se mede pelas ondas, o céu pelas asas, nós pelas lágrimas; O ar descansa nas folhas, a água nos olhos, nós em nada; Parece que saís e sóis, nós e nada”. Na cena final em que Esteban visita o cemitério de Darwin, a música de Gieco é a clássica *La Memória*, uma canção cuja letra é uma homenagem à força e à coragem de povos oprimidos que lutam contra as várias formas de opressão. Entre citações de casos de movimentos populares que marcaram a história, Gieco fala das guerras “[...]e aos que em qualquer guerra caíram; tudo está guardado na memória, senhora da vida e da história. [...] Dois mil comeriam por um ano, com o que custa um minuto militar, quantos deixariam de ser escravos pelo preço de uma bomba no mar; tudo está cravado na memória, espinha da vida e da história”.

Porém, a canção que melhor representa a mensagem transmitida pela obra de Brauer é a reproduzida no final da obra, *Para La vida*, composta por Gieco especificamente para a trilha sonora do filme: “Estou aqui sentado, debaixo do pequeno sol, ele que nos deu águia e, também, pardal; Que fazer com o silêncio quando a cabeça explode? Como parar a impotência de não poder fazer nada? Porque querer matar a teus filhos, é para que doa anos o sangue; ontem por não querer à pátria, e agora por a querer demais; Leis velhas, mais genocidas, mal presságio para a vida; Com a luz completa de sombras e com o sol em sofrimento, voltei a minha casa de joelhos e aqui meus amigos mortos. Em uma país enfermo,

¹ “O Festival da Solidariedade foi um invento dos managers do rock para fazer algo com o tema. Todo o mundo estava participando, porém, o rock não queria formar parte do circo que foi o da guerra. Até eu em um momento me decidi que teria que contribuir, porém não desde o triunfalismo, senão desde a paz. Ao menos essa era minha posição. Me chamaram para cantar *Sólo le pido a Dios*, um tema que os colimbas cantavam nas Malvinas, e somente por isso fui. Porém, me senti muito mal, é o único recorde que tenho. Não me acordo dos detalhes nem dos outros músicos, nem da gente que foi. Somente me recorde de uma sensação horrível e das crianças de dezoito anos. Por mais, sempre me importou um caralho o tema do nacionalismo planteado nestes términos ou a preocupação com duas islitas de merda perdidas no mar. O único que pensava enquanto cantava *Sólo le pido a Dios* era nas crianças que estavam passando fome e frio sem possibilidades de fazer nada. Quando terminou a guerra e soube que a comida não chegava, que os torturaram por roubar um pouco de comida ou que os chocolates que a gente doava em Buenos Aires apareciam em quiosques de Rosário confirmei tudo o que suspeitava nesse momento. Me dei conta que os militares argentinos não servem para nada, nem sequer para a guerra. E a única vez que conseguiram um triunfo, por assim dizê-lo, foi quando torturaram e mataram aos indefesos, aos que não tinham mais armas que a palavra ou as ideias: os desaparecidos”.

todas as cartas sobre a mesa, jogamos jogos perversos entre futebol e guerra. Sangue de glória, ódio contra amor, deuses e bestas, loucura e dor. Abrirei as portas deste vazio, porque o destino me lançou para cima; Insistirei com um mar de rosas e construirei sobre cinzas. Tenho um sonho novo em minhas mãos e lutarei para que seja justiça. As bochechas dos meus filhos em meus lábios, e encontrarei em seus olhos um novo descanso. ”

A letra da canção de Gieco apresenta o argumento de Bauer para o que foi a Guerra das Malvinas: um ato genocida de um governo da ditadura militar, com o apoio popular. A letra é a narração de um ex-combatente que de volta para casa, busca entender todo o processo da guerra e tenta retomar a sua vida. A frase “Porque querer matar a teus filhos, é para que doa anos o sangue; ontem por não querer à pátria, e agora por a querer demais” é o trecho que relaciona o papel da sociedade argentina no apoio ao governo diante da tomada das ilhas, apresentado no filme com imagens documentais da Plaza de Mayo lotada. No trecho “Em um país enfermo, todas as cartas sobre a mesa, jogamos jogos perversos entre futebol e guerra” identificamos a relação o papel da ditadura militar no empreendimento da guerra, um “país enfermo” cujo governo joga com as vidas de seu povo no continente e nas Malvinas, “jogos perversos entre futebol e guerra”.

Iluminados por el fuego (2005) foi produzido no ano de 2004 e lançado em 2005, período do governo de Néstor Kirchner, cujos discursos e as ações políticas deram novo fôlego a causa Malvinas. O presidente fez o pedido de perdão para os veteranos pela omissão do Estado no retorno do conflito, implementou um aumento considerável no valor das pensões e intensificou as reivindicações pelo retorno das negociações com a Grã-Bretanha pela soberania nas Malvinas, fortalecendo assim, o sentimento nacionalista e patriótico relacionado a causa. A política de memória do kirchnerismo, fortaleceu também, a luta daqueles que buscavam justiça contra crimes de lesa-humanidade, entre eles grupos de ex-combatentes que precisavam de apoio para suas reivindicações de justiça e reparação quanto aos abusos cometidos por superiores contra soldados durante a guerra. Este contexto político era propício para a produção de uma obra cinematográfica que defendesse a legitimidade das reivindicações por Malvinas, mas também que representasse os horrores da guerra, piorados pela falta de estrutura do Exército Argentino e pelo autoritarismo de alguns de seus membros.

Ao estrear, *Iluminados por el fuego* (2012) caiu como uma bomba entres os grupos mais próximos da experiência da guerra, como ex-combatentes e familiares de

mortos, gerando críticas e elogios de diferentes partes. Essa divisão se procedeu, também entre a crítica especializada na sétima arte. O crítico de cinema e fotojornalista Gustavo Noriega defende que *Iluminados por el fuego* (2005) não consegue apresentar a complexidade do tema Malvinas e encara apenas uma questão “a dos veteranos de guerra abandonados a sua sorte depois da zombaria inútil” (NORIEGA, 2012, on-line). Noriega (2012, on-line) ressalta que o filme parece focar apenas em homenagear aos jovens mortos nas ilhas e os que voltaram ao continente:

Porém, como se trata de Malvinas, é difícil que um tema não se superponha com os outros: se requer uma personalidade e um domínio da técnica cinematográfica que Bauer parece não ter. Assim é como, por insegurança, por superposição de vozes ou de roteiristas, o filme sai uma outra vez dessa trilha para dar espaço a interpretações gerais sobre a soberania nas ilhas, a conduta dos altos mandos, as possibilidades militares dos argentinos, etc., que não podem ser senão generalizações reacionárias e de um nacionalismo do século XIX.

O grande problema, de acordo com Noriega, é que a autoridade moral, que é o eixo do filme, está baseada nas memórias de um ex-combatente e suas afirmações sobre a soberania e a guerra “Assim o filme deixa de abrir um debate, o encerra, a partir do peso emocional associado ao calvário daqueles meninos” sendo “como um autoritarismo sentimental que engasga qualquer discussão. Por mais justa e necessária que seja hoje a reivindicação desses meninos abandonados não deveria condicionar nem o olhar sobre o filme, nem as ideias a respeito das ilhas” (NORIEGA, 2012, on-line).

As imagens documentais no filme que mostram Galtieri discursando para uma multidão na praça e de Margaret Thatcher na Grã-Bretanha são, para Noriega, uma teoria tranquilizadora que coloca o povo como vítima e deixa a responsabilidade pelo conflito nas mãos dos militares e dos políticos conservadores “Das multidões que se veem na praça, não se diz nada” (NORIEGA, 2012, on-line). O crítico defende que a ideia transmitida pelo filme é que o problema da guerra foi ter sido empreendida por militares, o que acaba por sugerir que com outro exército tudo seria diferente, como se a invasão por parte de um governo democrático não fosse também um “ato selvagem, de intromissão onde não corresponde, um crime contra civis”. Para o crítico, quando o personagem Esteban retorna para as Malvinas e vê uma partida

de futebol entre garotos pela janela do hotel, deveria sugerir o que o filme não diz, que as Malvinas são habitadas. Noriega (2012, on-line) conclui questionando

e se as Malvinas não são argentinas? O que acontece se um dia aceitarmos que são inglesas, que não são as Malvinas finalmente, senão as Falklands?. [...] O mapa do mundo terminou de desenhar faz um tempo e em umas ilhas próximas da nossa costa vivem cidadãos ingleses, em paz, sem más pretensões, apenas com a pretensão de continuar pacificamente com a monotonia de suas vidas. Está errado?.

O crítico Antonio Nuñez (2006), defende que os prêmios ganhos por *Iluminados por el fuego* (2005), como o prêmio Goya da Academia Española de Cine, mostram que os acadêmicos têm dado o reconhecimento à qualidade de um filme antibelicista, do tipo que segundo ele, se teme fazer diante de tantas representações gloriosas sobre as guerras. Para Nuñez, o filme mostra o quanto o conflito foi grandioso, mesmo os jovens argentinos tendo passado por situações de grande debilidade, piorada por seus superiores “estamos diante de uma dessas películas americanas onde o tempo está perfeitamente medido, para que haja de tudo um pouco para que o espectador médio não se entedie” (NUÑES, 2006, on-line), por mais que a mensagem seja importante, ao ressaltar o quão absurdo é uma guerra. Para Nuñez (2006, on-line):

Tristán Bauer não tem medo de chamar as coisas pelo nome. Nos diz que a Argentina quis dar um falso ar de poderio ante o resto das nações, e, também, que uma vez aceita a derrota, não soube tratar adequadamente a carne de canhão que havia posto a defender Malvinas, ignorando como Estados Unidos fez com seus combatentes do Vietnã e conseguindo, dessa forma, que houvessem mais mortos depois da guerra. [...] Ninguém recebeu aos heróis quando regressaram para casa, porque havia que passar a página o mais depressa possível.

As obras de maior destaque sobre a Guerra das Malvinas, *Los Chicos de la guerra* (1984) e *Iluminados por el fuego* (2005), se assemelham em vários aspectos no que diz respeito a narrativa fílmica. As duas obras apresentam três soldados conscritos - Fábian, Pablo e Santiago em *Los chicos de la guerra* (1984) e Esteban, Vargas e Juan em *Iluminados por el fuego* (2005) - que se encontram no front de guerra nas Malvinas e que desenvolvem uma amizade e um companheirismo diante do sofrimento e do horror. Em ambas as produções são apresentadas a questão do frio intenso que tornou os dias de espera nas Malvinas mais difíceis, a fome pela falta da distribuição de alimentos e os abusos de superiores, como o estaqueamento.

Além da semelhança nas experiências de guerra dos personagens das duas produções, o destino de cada um também se assemelha. Fábian e Esteban conseguem se reintegrar à sociedade; Pablo e Vargas se suicidam, Santiago cai na marginalidade e Juan morre no front, o mesmo desfecho do amigo de Fábian, Ruiz, que também não retorna da guerra, pois morre no conflito.

Porém, em *Los chicos de la guerra* (1984), Kamin não apresenta o desempenho dos combatentes durante o embate com as tropas britânicas, optando por mostrar o período de espera antes do conflito, e o desfecho deste, quando os argentinos já haviam sido rendidos pelos britânicos, enquanto na obra de Bauer, cenas do conflito são representadas de forma que o público tivesse a dimensão do que foi o embate bélico nas Malvinas. Portanto, Kamin optou pela representação da guerra que destacava o sofrimento e as injustiças sofridas pelos soldados conscritos no front, da mesma forma que sofriam no continente com o regime de uma ditadura militar, enquanto Bauer destacou este aspecto do sofrimento, mas também, o papel dinâmico desses soldados dentro da zona de guerra. Ambas as obras, apresentaram exemplos de coragem de soldados que enfrentaram os abusos dos superiores. Em *Los chicos de la guerra* (1984), Santiago enfrenta o seu capitão por ter desamarrado um jovem que estava sendo estaqueado, e em *Illuminados por el fuego* (2005), Esteban se recusa a carregar o rádio do seu superior durante a evacuação, iniciada com a chegada dos ingleses. As diferenças nas representações do mesmo conflito se relacionam principalmente com o contexto histórico em que foram produzidas: *Los chicos de la guerra* (1984) no período de retomada da democracia e portanto, de grande temor da sociedade quanto a possibilidade do retorno de tal regimes e *Illuminados por el fuego* (2005), produzido durante o governo de Néstor Kirchner, caracterizado pelo retorno dos discursos que ressaltavam a importância da causa Malvinas para a Argentina e pelo apoio a luta por reparações em casos de crimes contra os direitos humanos, inclusive os cometidos por militares para com soldados no front.

BIBLIOGRAFIA

NORIEGA, Gustavo. *Sobre Illuminados por el fuego*. Buenos Aires, 2012. Disponível em <<http://www.elamante.com/criticas/sobre-iluminados-por-el-fuego-gustavo-noriega/>> Acesso em 11 de jul. 2015.

NUÑES, Antonio. *Illuminados por el fuego: carne de cañón*. Buenos Aires, 2006. Disponível em < http://www.fanzinedigital.com/cine/1862_1-Illuminados_por_el_fuego.html > Acesso em: 20 abr. 2015

SALVATORI, Samanta. *Los chicos de la guerra*. Buenos Aires. 2007. Disponível em <http://servicios2.abc.gov.ar/lainstitucion/organismos/cendic/cinedivulgacion/videos/loschicosdelaguerra.pdf> > Acesso em 14 abr. 2015.